

# MOMENTO BD&L

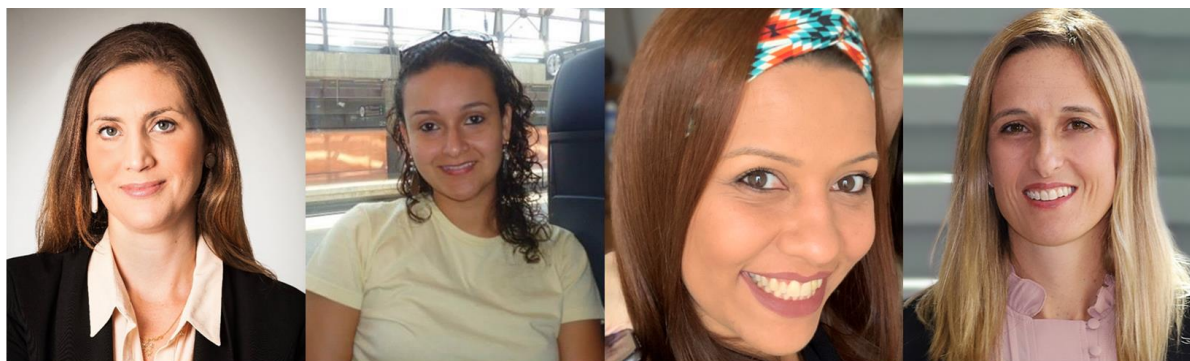
## BUSINESS DEVELOPMENT & LICENSING NA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

CLUBENOVOSNEGÓCIOS\*

### A PRESENÇA FEMININA EM BD&L NA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

Na segunda edição do momento BD&L contamos com convidadas muito especiais.

Estiveram conosco Carolina Escorel, que ocupa o cargo de *New Business Development Director Latam* na Janssen; Talita Costa, *Senior Business Development Manager* no Aché Laboratórios Farmacêuticos; Thais Kauffmann, *New Business Development Sr. Manager* na AstraZeneca e Thaisa Silvestre, Diretora Comercial na West Pharmaceutical, para falar sobre a participação da mulher no setor BD&L da indústria farmacêutica.



Da esquerda para a direita: Carolina Escorel - Janssen; Talita Costa - Aché Laboratórios Farmacêuticos; Thais Kauffmann - AstraZeneca e Thaisa Silvestre - West Pharmaceutical

Há 20 anos a área de novos negócios na indústria farmacêutica tinha presença majoritariamente masculina, cenário que - em paralelo aos avanços na sociedade de maneira geral - foi se modificando.

Junto ao crescimento vertiginoso das atividades de novos negócios de forma geral, a presença feminina aumentou nas mesas de negociações, assim como nas discussões que propõem inovações.

“Se olhar lá trás eu participava em feiras e reuniões e era só eu de mulher em todas as discussões, basicamente não tinha mulher e nem jovens.”, comentou Carolina Escorel, uma das entrevistadas.

Junto ao crescimento vertiginoso das atividades de novos negócios de forma geral, a presença feminina aumentou nas mesas de negociações, assim com nas discussões que propõem inovações.

Carolina começou sua carreira em uma empresa nacional, e considera que todas as empresas pelas quais passou foram escolas muito importantes. Após atuar em três empresas nacionais, sempre na área de novos negócios, ela migrou para uma empresa alemã e hoje é diretora Latam da Janssen, multinacional norte-americana de grande porte. “Foram fases bem diferentes em momentos distintos. Consegui ver a evolução de novos negócios”, contou Carolina Escorel.

Esse caminho de evolução foi também reforçado por Thaisa Silvestre. Ela falou sobre o crescimento do número de mulheres no setor, porém reconhece que podem existir diferentes cenários entre empresas com portes distintos: “Quando comecei a minha carreira na área comercial, a participação feminina era muito pequena e veio crescendo ao longo dos anos. Porém ainda há um longo caminho a ser percorrido”.

Já Thais Kauffmann começou sua carreira em outro setor vindo posteriormente para indústria farmacêutica. Segundo ela, quando chegou à área de novos negócios, as mulheres já tinham mais espaço. Com sua experiência em duas empresas multinacionais, Thais concorda que a presença da mulher nas negociações também varia com o tipo e porte das empresas: “Nas estruturas globais ainda há uma prevalência um pouco maior de homens do que mulheres”.

Thaisa Silvestre reforça que o mercado hoje em dia está bem dividido e apresenta boas oportunidades para as mulheres. Ela contou sobre o programa que lidera na West Pharmaceutical, o WIN - iniciativa global da companhia, lançado em 2019 na América do Sul. Esta ação tem como objetivo promover encontros focados nas mulheres, com a finalidade de incentivar e apoiar o crescimento e desenvolvimento feminino na empresa. Thaisa explica que enfrenta um desafio adicional. A iniciativa não deve ser percebida com um viés de “oposição”, contrário ao objetivo principal de busca pela igualdade.

Com grande experiência, Thaisa Silvestre falou sobre a conquista do prêmio internacional *Rising Star*, promovido pela *Healthcare Business Woman Association* (HBA): “A escolha foi feita pelos executivos da West nos Estados Unidos e baseada no exemplo que eu exerço como líder, na forma de atuar e nos resultados alcançados. Receber essa nomeação foi uma surpresa e motivo de orgulho.”

Mesmo com a antiga predominância masculina na área, nenhuma das entrevistadas relatou desconfortos e falta de oportunidades por ser mulher.

Com Talita a história profissional foi focada em BD desde a faculdade, momento em que decidiu começar sua trajetória em novos negócios. A empresa nacional na qual iniciou suas atividades não tinha a área estruturada ainda. Desse modo, ela viu a área ser construída do zero. Esse talvez tenha sido um motivo que a levou a manter-se em empresas nacionais até hoje. “Na minha carreira optei por seguir em empresas nacionais, gostei muito da experiência”.

#### Transformações no mundo e a adaptação dos profissionais de BD&L

Os profissionais de BD são valorizados não só pela vasta experiência, como acontecia anteriormente, mas também por sua capacidade de atualização, proposição e agilidade. Com a internet o acesso às informações, sistemas e tecnologias ficou muito mais veloz. Neste cenário, a forma como o profissional de BD é percebido mudou, aumentando o espaço para aqueles que estão “antenados” nas atualizações de mercado, e não somente aos profissionais com muita bagagem. Diante desta perspectiva, homens e mulheres buscam constante atualização e oportunidades de inovação.

“Tem aumentado bastante o número de mulheres dentro na área de BD, até pelos *skills* que essa atividade demanda. Atualmente devemos olhar para mil coisas ao mesmo tempo, gerindo várias áreas diferentes e atuando em projetos distintos simultaneamente. A mulher tem um perfil mais *multitask*, que se adapta melhor a esse cenário e modelo”, ressaltou Thais Kauffmann.

Mesmo com a antiga predominância masculina na área, nenhuma das entrevistadas relatou desconfortos e falta de oportunidades por serem mulheres no setor. Entretanto, trouxeram alguns relatos de momentos incômodos, nos quais foram confrontadas com uma cultura machista de forma geral.

Talita Costa, por exemplo, citou que em uma viagem à Ásia, na qual era a única mulher na sala e liderava a reunião. Mesmo nesta posição de liderança, os homens não a olhavam nos olhos. As perguntas eram respondidas diretamente para outros colegas homens que a acompanhavam na viagem. “A forma como fui tratada me impactou fortemente e me trouxe uma impressão muito ruim. Passei por diversas vezes situações assim na Ásia.

Quando falamos em times, hoje podemos observar cada vez mais equipes diversificadas no mercado, o que na visão das entrevistadas é muito interessante.

No entanto, ultimamente, tenho percebido mudanças positivas na interação com esses países. Certamente pelo fato de nós mulheres já termos grande representatividade na área. Aqui no Brasil vivi só uma situação na qual tive que me impor um pouco mais, mas não acredito que seja pelo fato de ser mulher.”

Carolina Escorel ressaltou que em viagens à Ásia, era sempre a única mulher nas reuniões, e comparou com o cenário da América Latina, que tem uma estrutura bem mais aberta para mulheres. Segundo ela, o que faz ser perceptível a cultura de cada lugar. “Eu acho que estamos em uma região privilegiada nesse sentido, não vejo o impacto de ser mulher. No passado era um ambiente muito mais masculino, mas nunca vi isso como uma barreira”, disse.

Quando falamos em times, hoje podemos observar equipes cada vez mais diversificadas no mercado, o que na visão das entrevistadas é muito interessante.

“A leitura analítica que a mulher tem acaba auxiliando. Ter um time misto ajuda muito. Tem que equilibrar, não adianta. Já a objetividade masculina ajuda nesse equilíbrio. Acho importante a presença masculina nesse sentido para que se atinja um equilíbrio”, constatou Talita.

“Time ideal é uma mistura de características e qualidades. De maneira geral as mulheres são bem comprometidas, tem postura *multitask*, seja como mãe, esposa, profissional. No final dá conta de tudo.”, acrescentou Carolina.

Momento BD&L é produzido por Clube de Novos Negócios da Indústria Farmacêutica com textos de Nauta Digital. Este texto não reflete, necessariamente, a opinião do Clube de Novos Negócios da Indústria Farmacêutica.